



P.V.P. 5,95 €

*preço único colecção BIS*



## Detenção

Alguém devia ter caluniado Josef K., porque foi preso uma manhã, sem que ele houvesse feito alguma coisa de mal. A cozinheira da Senhora Grubach, a dona da pensão, que lhe levava o pequeno-almoço todos os dias por volta das oito horas, não apareceu desta vez. Isto nunca tinha acontecido. K. aguardou mais um pouco; apoiado na almofada da cama, viu a velha senhora que morava em frente da sua casa a observá-lo com uma curiosidade completamente inacostumada; mas depois, sob o efeito simultâneo da surpresa e da fome, tocou a campainha. Bateram logo à porta e entrou um homem que ele nunca vira naquela casa. Era esbelto e, no entanto, de constituição sólida, trajava um fato preto muito justo que, à semelhança dos fatos de viagem, possuía diversas pregas, algibeiras, botões e um cinto, em consequência do que, sem que se conseguisse designar-lhe o uso, parecia particularmente prático.

– Quem é o senhor? – perguntou K., soerguendo-se na cama.

Mas o homem ignorou a pergunta, como se fosse obrigatório aceitar a sua aparição e respondeu simplesmente:

– Chamou alguém?

– Anna deve trazer-me o meu pequeno-almoço – disse K. e começou por tentar, conservando o silêncio, graças a um esforço de atenção e de reflexão, descobrir quem podia ser aquele homem.

Mas este último não se expôs muito tempo ao seu olhar; voltou-se para a porta e entreabriu-a para dizer a alguém que, visivelmente, se encontrava mesmo ali atrás:

– Ele quer que Anna lhe traga o pequeno-almoço.

Um riso breve ecoou então na sala contígua; ao ouvi-lo, ficava-se com a certeza de que várias pessoas tinham participado nele. Embora o desconhecido não pudesse revelar assim nada que ele não soubesse já, insistiu em dizer a K. num tom de declaração:

– É impossível.

– Seria a primeira vez – disse K. saltando da cama para enfiar rapidamente as calças. – Vou ver que espécie de gente se encontra aqui ao lado, e como é que a Senhora Grubach me vai explicar este incómodo.

Para dizer a verdade, ocorreu-lhe logo ao espírito que não deveria ter dito isto em voz alta, e que reconhecia assim de certo modo um direito de olhar ao desconhecido; mas isto não lhe parecia agora muito importante. No entanto, foi assim que este se apercebeu das suas intenções, porque disse:

– Não prefere permanecer aqui?

– Não quero permanecer aqui nem que o senhor me dirija a palavra, enquanto não se tiver apresentado.

– Foi com boa intenção – disse o desconhecido ao mesmo tempo que abria a porta.

Na sala contígua, onde K. entrou mais devagar do que desejava, tudo parecia, à primeira vista, exactamente como na véspera à noite. Era o salão da Senhora Grubach, talvez houvesse hoje naquela divisão sobrecarregada de móveis, de *napperons*, de porcelanas e de fotografias, um pouco mais de espaço do que habitualmente, mas não se dava por isso imediatamente, ainda menos porque a diferença principal resultava da presença de um homem sentado próximo da janela aberta, com um livro, e que erguia agora os olhos.

– Deveria ter permanecido no seu quarto! Franz não lho disse?

– Sim, e o que é que o senhor quer? – replicou K., cujo olhar se desviou do recém-chegado para o denominado

Franz, que tinha ficado no limiar da porta, regressando, depois, novamente ao outro.

Através da janela aberta, ainda se avistava a velha senhora que, com uma curiosidade deveras senil, se havia aproximado da janela, agora mesmo em frente, para continuar a observar tudo.

– Vou dizer à Senhora Grubach... – principiou K., parecendo fugir à influência dos dois homens, todavia a boa distância dele, e quis avançar.

– Não – disse o homem próximo da janela, atirando o livro para cima de uma mesa e levantando-se. – O senhor não tem o direito de ir-se embora, porque está detido.

– Tem todo o ar disso – retorquiu K. – Mas então porquê? – perguntou em seguida.

– Não fomos encarregados de lho dizer. Vá para o seu quarto e espere. O processo judicial acaba de ser instaurado, e saberá tudo na altura oportuna. Ultrapasso a minha missão ao falar-lhe tão amistosamente. Mas espero que ninguém, excepto Franz, me ouça, e aliás também ele o trata simpaticamente, à revelia do regulamento. Se continuar a ter tanta sorte como para a designação dos seus guardas, pode ficar sossegado.

K. queria sentar-se, mas reparou agora que nada mais havia na sala, além da cadeira perto da janela.

– Em breve compreenderá quanto tudo isto é verdadeiro – disse Franz avançando na sua direcção ao mesmo tempo que o outro homem.

Este último, em particular, era nitidamente mais alto do que K. e não parava de bater-lhe no ombro. Ambos examinaram a camisa de noite de K. e disseram que teria agora de usar uma muito menos delicada, mas que eles guardariam aquela com todo o resto da sua roupa, e lha devolveriam se o seu caso terminasse bem.

– Mais vale dar-nos as suas coisas do que deixá-las no depósito – disseram eles –, porque no depósito muitas vezes desaparecem e, além disso, vendem todas as coisas decorrido um certo tempo, sem se preocuparem que o respectivo processo esteja ou não concluído. E como estes processos se

eternizam, sobretudo nestes últimos tempos! Claro que acabará por receber do depósito o produto da venda, mas por um lado esta importância é já mínima em si, porque no momento da venda não é o montante da oferta que é determinante mas o do suborno; por outro lado, a experiência mostra que o produto destas vendas diminui ao passar de mão em mão e ao longo dos anos.

K. não prestou muita atenção a este discurso; ligava pouco valor ao direito que era talvez ainda o seu de dispor das suas coisas; interessava-lhe muito mais obter esclarecimentos acerca da sua situação; mas na presença daquela gente nem sequer podia reflectir, a barriga do segundo guarda – porque só podiam ser guardas – empurrava-o constantemente, quase de modo amigável; contudo, quando erguia os olhos, avistava um rosto muitíssimo mal adequado àquele corpo rechonchudo: seco, ossudo, nariz forte, torcido de um lado, e que trocava por cima dele sinais de conivência com o outro guarda. Que espécie de gente era então esta? De que falavam? A que administração pertenciam? K. vivia no entanto num estado regido pelo Direito, a paz reinava em todo o lado, todas as leis estavam em vigor, quem ousava invadir-lhe a casa? Tinha sempre tendência para levar as coisas de ânimo leve, tanto quanto possível, para só acreditar no pior quando o pior acontecia, para não tomar nenhuma precaução relativamente ao futuro, mesmo quando estava cercado de ameaças. Mas aqui, esta atitude não lhe parecia ser a adequada; claro que se podia considerar este caso como uma brincadeira, uma brincadeira grosseira que, por motivos desconhecidos, talvez porque hoje era o dia do seu trigésimo aniversário, os seus colegas do banco lhe tinham feito, era possível, claro: talvez lhe bastasse rir de certa maneira na cara dos guardas, e eles ririam com ele, talvez fossem homens de recados da esquina da rua, tinham um pouco o ar disso – contudo, quase desde o instante em que avistara o guarda Franz, decidira firmemente não desperdiçar a mínima vantagem que pudesse ter sobre esta gente. O risco de que, depois, dissessem que ele não tinha compreendido a brincadeira,

era totalmente desinteressante do seu ponto de vista; em contrapartida – sem que, aliás, tivesse por hábito extrair a lição das suas experiências –, recordava-se de certos casos, em si sem importância, nos quais, ao contrário dos amigos, havia adoptado cientemente uma conduta pouco prudente, sem de modo algum encarar as possíveis consequências, e nos quais fora castigado pelo resultado. Isto não devia voltar a acontecer; em todo o caso, desta vez, se era uma comédia, ora bem, desempenharia nela o seu papel.

Por enquanto ainda estava livre.

– Com licença – disse enquanto deslizava precipitadamente por entre os guardas para regressar ao quarto.

– Tem um ar sensato – ouviu atrás de si.

Mal chegado ao quarto, puxou bruscamente as gavetas da secretária; estava ali tudo muito bem arrumado, mas, na sua agitação, não encontrou logo os documentos de identificação que precisamente procurava. Acabou por encontrar o registo da matrícula da bicicleta, e ia mostrá-lo aos guardas, mas o documento pareceu-lhe demasiado insignificante: continuou a procurar e encontrou a sua certidão de nascimento. Na altura em que entrou de novo na sala contígua, a porta à sua frente abriu-se e a Senhora Grubach mostrou tenção de entrar. Só a viram um instante porque, mal reconheceu K., foi invadida por um embaraço evidente, apresentou as suas desculpas e desapareceu, fechando a porta com grandes precauções. K. teve apenas o tempo de dizer:

– Vamos, entre!

De pé no meio da sala, com os documentos, o olhar ainda pregado na porta que não se tornara a abrir, foi arrancado ao seu torpor por um apelo dos guardas, sentados à mesinha em frente da janela aberta e, K. deu agora conta, a devorar o seu pequeno-almoço.

– Porque é que ela não entrou? – perguntou.

– Não é permitido – disse o mais alto. – Afinal o senhor encontra-se sob prisão.

– Como posso eu encontrar-me sob prisão? E desta maneira, quem pode estar?

– Cá o temos agora a recomeçar – disse o guarda enquanto molhava uma fatia de pão no pequeno boião de mel.

– Nós não respondemos a esse género de perguntas.

– Vão ter de responder – disse K. – Aqui estão os meus documentos, mostrem-me agora os vossos e, antes de tudo, o mandado de prisão.

– Ó meu Deus! – disse o guarda. – Como é incapaz de adaptar-se à situação e parece determinado a irritar-nos inutilmente, a nós que, entre todos os outros, somos sem dúvida os mais próximos de si!

– Ele tem razão, creia – disse Franz que, em vez de levar à boca a chávena de café que segurava na mão, lançou a K. um olhar que talvez quisesse dizer algo, mas incompreensível.

K. trocou involuntariamente vários olhares com Franz, depois, e apesar disso, começou a desdobrar os seus documentos enquanto dizia:

– Aqui estão os meus documentos de identidade.

– Que quer que façamos com eles? – exclamou então o guarda alto. – O seu comportamento é pior do que o de uma criança. Que pretende então? Quer apressar o fim do seu maldito grande processo, discutindo a identidade e o mandado de prisão connosco, os guardas? Somos apenas funcionários, quase incapazes de nos entendermos com documentos de identidade e cujo único elo com o seu caso é ficarmos de guarda dez horas por dia à sua casa, sendo pagos para isso. Eis tudo quanto somos; todavia, somos capazes de perceber que as altas autoridades que servimos, antes de ordenarem uma tal detenção, se informam pormenorizadamente dos motivos da prisão e da pessoa do acusado. Não existe erro possível. As autoridades de que dependemos, tanto quanto as conheço, e apenas conheço os escalões mais baixos, não são do género de ir procurar a culpa no seio da população; pelo contrário, como diz a lei, é a culpa que as atrai, e elas devem então mandar-nos, os guardas. É a lei. Onde poderia haver erro?

– Ignoro tal lei – disse K.

– Tanto pior para si – disse o guarda.

– Ela só existe, sem dúvida, nas vossas cabeças – disse K., que queria descobrir, de uma maneira ou de outra, os pensamentos dos guardas, desviá-los a seu favor ou dominá-los.

Mas o guarda ignorou simplesmente a sua observação, dizendo:

– Há-de sentir-lhe os efeitos.

Franz interveio então:

– Estás a ver, Willem, que ele reconhece que ignora a lei, e afirma ao mesmo tempo estar inocente.

– Tens perfeitamente razão, mas não há outra maneira de fazê-lo escutar alguma coisa – disse o outro.

K. não respondeu mais nada. «Devo», pensou «deixar-me perturbar ainda mais pelas futilidades destes meias-tigelas – pois eles próprios se reconhecem como tal? De qualquer modo, falam de coisas de que não compreendem nada. A sua firmeza é produto da sua estupidez. Duas ou três palavras que trocarei com uma pessoa do meu nível tornarão as coisas incomparavelmente mais claras do que uma interminável conversa com estes indivíduos.» Andou um certo número de vezes para trás e para diante no espaço livre da sala; do outro lado, viu a velha senhora: tinha trazido para a janela um velhote ainda mais idoso, que segurava nos seus braços. K. devia pôr termo a esta exibição:

– Conduzam-me ao vosso superior – disse.

– Quando ele o desejar; antes, não – disse o guarda que fora tratado por Willem. – E agora – acrescentou –, aconselho-o a ir para o seu quarto, a adoptar um comportamento calmo e a esperar pelo que for decidido a seu respeito. Aconselhamo-lo a não se dispersar com pensamentos inúteis, mas a concentrar-se, porque muito será exigido de si. Não nos tratou conforme a nossa cortesia merecia; sejamos o que sejamos, esqueceu-se de que actualmente, relativamente a si, somos pelo menos homens livres, e não é uma vantagem irrisória. Mesmo assim, se tem dinheiro, estamos prontos a ir buscar-lhe um pequeno-almoço ao café em frente.

Sem responder a esta oferta, K. permaneceu imóvel por momentos. Talvez os dois homens não se atrevessem a

retê-lo se abrisse a porta do quarto contíguo, ou mesmo a porta do vestibulo; talvez a solução mais simples de toda esta história fosse extremá-la. Mas talvez então eles lhe pusessem as mãos em cima e, uma vez vencido, perderia também a superioridade que ainda conservava apesar de tudo, em certa medida, perante eles. Foi por isso que, preferindo a certeza da solução que o curso natural das coisas forçosamente traria, voltou para o quarto, sem que outra palavra fosse pronunciada por ele ou pelos guardas.

Atirou-se para cima da cama e apanhou na mesinha-de-cabeceira uma bela maçã que tinha posto de lado na véspera à noite para o seu pequeno-almoço. Agora ia reduzir-se a esta maçã; em todo o caso, como se certificou quando a mordeu com avidez, ela era muito melhor do que o pequeno-almoço provindo de um café miserável que teria podido obter através das boas graças dos guardas. Sentia-se em forma, confiante; claro que não estava no seu posto no banco, essa manhã, mas atendendo à posição relativamente elevada que ali ocupava, isso ser-lhe-ia facilmente desculpado. Deveria apresentar o verdadeiro motivo? Encarava fazê-lo. Se não o acreditassem, o que seria compreensível no caso presente, poderia invocar o testemunho da Senhora Grubach ou então o dos dois velhos do outro prédio, que estavam sem dúvida a encaminhar-se para a janela da frente. K. admirava-se ou pelo menos achava espantoso, na lógica dos guardas, que estes últimos o tivessem deixado voltar para o quarto onde ficou sozinho, quando havia a grande possibilidade de se suicidar. Para dizer a verdade, perguntava a si mesmo ao mesmo tempo, desta vez na sua própria lógica, que motivo poderia ter para agir assim. Porque estavam os outros dois sentados na sala contígua e tinham apreendido o seu pequeno-almoço? Teria sido a tal ponto absurdo suicidar-se que, mesmo se quisesse fazê-lo, o absurdo da coisa tê-lo-ia tornado incapaz. Se a limitação intelectual dos guardas não houvesse sido tão manifesta, poderia supor-se que também eles, fortalecidos pela própria convicção, não viam nenhum perigo em deixá-lo sozinho. Se lhes apetecesse, podiam agora vê-lo dirigir-se para um

pequeno armário onde conservava uma boa aguardente, e esvaziar um primeiro copinho para substituir o seu pequeno-almoço, antes de confiar a um segundo copinho a missão de dar-lhe coragem, isto por pura precaução, para o caso improvável de que tivesse necessidade dela.

Foi então que um apelo proveniente da sala contígua o fez sobressaltar, ao ponto de os dentes embaterem no copo.

– O inspector chama-o – ouviu.

Apenas o grito o assustou, aquele grito brusco, desabrido, militar, do qual não teria julgado capaz o guarda Franz. Quanto à ordem em si, recebia-a de boa vontade. «Enfim!», exclamou para consigo como resposta; fechou o armário e correu logo para a sala contígua. Os dois guardas estavam ali de pé e empurraram-no para o quarto, com toda a naturalidade.

– Mas em que anda a pensar? – exclamaram. – É de camisa que tenciona apresentar-se perante o inspector? Ele mandá-lo-á moer de pancada, e nós de acordo!

– Deixem-me, vão para o Diabo! – exclamou K., que eles já haviam empurrado até ao guarda-fato. – Se me surpreendem na cama, não devem esperar encontrar-me em traje de gala.

– É inútil – disseram os guardas, que se mantinham sempre muito calmos, quase tristes até, quando K. se punha a gritar, e conseguiam assim perturbá-lo ou trazê-lo mais ou menos à razão.

– Ridículas cerimónias! – resmungou mais uma vez, mas pegara já num casaco pousado em cima da cadeira e mantinha-o no ar há alguns instantes nas duas mãos, como para submetê-lo ao julgamento dos guardas. Estes menearam a cabeça.

– Tem de ser um casaco preto – disseram.

Ao ouvir estas palavras, K. atirou o casaco para o chão e disse, sem ele mesmo saber em que sentido o dizia:

– No entanto ainda não estamos na audiência plenária.

Os guardas sorriram, mas contentaram-se em repetir:

– Tem de ser um casaco preto.

– De bom grado, se é o meio de acelerar o processo – disse K.

Abriu o armário, procurou demoradamente entre os numerosos fatos e escolheu o seu melhor fato preto, cujo corte tinha quase feito sensação entre os seus conhecidos; pôs também uma camisa nova e começou a vestir-se com cuidado. Julgava intimamente ter conseguido acelerar tudo, porque os guardas tinham-se esquecido de obrigá-lo a tomar banho. Observou-os receoso de que eles se lembrassem disso, mas claro que a ideia nem sequer os aflorou; em contrapartida, Willem não se esqueceu de mandar Franz anunciar ao inspector que K. estava a vestir-se.

Quando ficou completamente pronto, teve de passar por Willem quando cruzava a sala contígua, onde não estava mais ninguém, para chegar à sala seguinte, cuja porta de batente duplo estava já completamente aberta. Esta divisão, K. sabia-o muito bem, era habitada há pouco tempo por uma tal Menina Bürstner, dactilógrafa, que saía habitualmente muito cedo para o escritório, regressava tarde e com a qual K. não tinha trocado mais do que simples cumprimentos. A sua mesinha-de-cabeceira fora afastada da cama e colocada no meio do quarto para servir de mesa de audiência, e o inspector estava sentado junto dela. Tinha as pernas cruzadas e um braço pousado nas costas da cadeira.

Num canto do quarto estavam três jovens que observavam as fotografias da Menina Bürstner, dispostas numa moldura fixada na parede. Uma blusa branca estava pendurada no fecho da janela aberta. Na janela em frente, os dois velhos estavam novamente no seu posto; mas o grupo tinha-se alargado, porque atrás deles, dominando-os com a sua grande altura, encontrava-se um homem em camisa de colarinho aberto, que apertava entre os dedos a barba e a torcia.

– Josef K.? – perguntou o inspector, talvez com o único fito de atrair para si o olhar distraído de K. – Este aquiesceu. – Ficou sem dúvida muito surpreendido com os acontecimentos desta manhã? – perguntou o inspector, ao mesmo tempo que afastava com as duas mãos os poucos objectos que se achavam colocados em cima da pequena mesinha-de-cabeceira, a vela com os fósforos, um livro e um novelo com agulhas, como se se tratasse de objectos necessários para a audiência.

– Certamente – disse K., e sentiu um imenso bem-estar por se encontrar enfim diante de um homem sensato, com o qual podia falar da sua situação –, estou certamente surpreendido, mas de modo algum excessivamente.

– Não excessivamente? – perguntou o inspector enquanto colocava agora a vela no meio da mesinha e reagrupava os outros objectos à sua volta.

– Talvez me tenha feito compreender mal – apressou-se a observar K. – Quero eu dizer... – Aqui, K. interrompeu-se e procurou com o olhar um assento. – Apesar de tudo, posso sentar-me? – perguntou.

– Não é costume – respondeu o inspector.

– Quero dizer – explicou agora K. sem delongas – que fiquei, claro, muito surpreendido; mas quando se passou dos trinta anos nesta terra e se tem de sair de embaraços sozinho, como foi o meu caso, fica-se acostumado às surpresas e deixa-se de levá-las demasiado para o lado trágico. Sobretudo a de hoje.

– Porquê sobretudo a de hoje?

– Não quero dizer que tomo todo este assunto como uma brincadeira, pois o dispositivo posto em campo parece-me de uma enorme amplitude. Seria preciso que os outros hóspedes da casa participassem nela, e todos vocês igualmente; isso ultrapassaria os limites de uma brincadeira. Não quero, portanto, dizer que se trata de uma brincadeira.

– Muito correcto – disse o inspector enquanto verificava o número de fósforos contidos na caixa.

– Mas por outro lado – prosseguiu K. voltando-se ao mesmo tempo para todas as pessoas presentes (até incluíra de bom grado os três indivíduos que observavam as fotografias) –, por outro lado, não pode tratar-se de um assunto muito importante. Deduzo isto do facto de ser acusado, mas incapaz de encontrar o mínimo erro de que possam acusar-me. No entanto também isto é secundário; a questão essencial é a seguinte: quem me acusa? Que autoridades lançaram o processo judicial? Os senhores são funcionários? Ninguém usa uniforme, a não ser que se queira chamar ao seu traje – aqui virou-se para Franz – um uniforme, mas é antes

um traje de viagem. Peço explicações acerca destas questões, e estou convencido de que poderemos separar-nos amigavelmente após estes esclarecimentos.

O inspector fez estalar a caixa de fósforos quando a pôs na mesa.

– Está redondamente enganado – disse ele. – Estes senhores aqui presentes e eu próprio somos de uma importância completamente ínfima em relação ao seu caso, do qual até ignoramos pouco mais ou menos tudo. Poderíamos usar os uniformes mais regulamentares, e a sua causa não ficaria em piores lençóis. Também não posso dizer-lhe em absoluto que está acusado ou, antes, ignoro se está. Encontra-se detido, é exacto, não sei mais nada. Talvez os guardas hajam dito outra coisa enquanto tagarelavam, mas não passava de tagarelice, nada mais. Portanto, se não posso responder às suas perguntas, posso pelo menos dar-lhe este conselho: não pense tanto em nós e no que vai suceder-lhe; pense antes em si próprio. E não clame com tanta veemência a sua inocência, pois isso prejudica a boa impressão que causa em todo o lado. Deveria também ser mais comedido nas suas palavras; mesmo que só tivesse dito duas ou três palavras, ter-se-ia podido deduzir do seu comportamento quase tudo o que disse antes; aliás, não há nada que lhe seja manifestamente favorável.

K. fitou o inspector com insistência. Ali estava um indivíduo, talvez mais novo do que ele, a dar-lhe lições! A sua franqueza era punida com uma reprimenda? E não sabia nada acerca do motivo da sua prisão nem acerca dos que haviam dado a ordem? Tomado por um certo nervosismo, caminhou de um lado para o outro no quarto, não sendo impedido por ninguém; arregaçou os punhos da camisa, apalpou o peito, arranjou o cabelo, passou em frente dos três cavalheiros, dizendo «é realmente insensato», ao que estes se viraram para ele e o fitaram com benevolência, embora com ar grave, e acabou por parar de novo diante da mesa do inspector.

– O procurador Hasterer é um dos meus bons amigos – disse –, posso telefonar-lhe?

– Certamente – retorquiu o inspector –, mas não estou a ver que justificação isso teria, a não ser que tenha um assunto particular a tratar com ele.

– Que justificação? – exclamou K., mais consternado do que irritado. – Quem é então o senhor? Reclama justificação e representa a comédia mais disparatada que imaginar se possa? E não haveria nada que causasse comoção? Estes cavalheiros começaram por se introduzir em minha casa, e agora ficam aqui, sentados ou de pé, e obrigam-me a fazer acrobacias diante de si. Que justificação teria telefonar a um procurador, quando me encontro, parece, sob prisão? Muito bem, não telefonarei.

– Claro que sim, telefone – disse o inspector estendendo a mão para o vestíbulo onde estava o telefone –, faça favor, telefone lá.

– Não, já não quero – disse K., e dirigiu-se para a janela.

Do outro lado, os três curiosos ainda estavam à janela, e foi só quando viram K. aproximar-se por sua vez que pareceram um pouco perturbados na sua tranquila contemplação. Os velhos fizeram menção de levantar-se, mas o homem atrás deles acalmou-os.

– Ali também há espectadores – gritou K. ao inspector, com uma voz forte, apontando o indicador para o exterior. – Desapareçam! – gritou depois na mesma direcção.

Os três outros recuaram logo dois ou três passos; os dois velhotes colocaram-se mesmo atrás do homem que os protegia com a sua corpulência e, a avaliar pelo movimento dos seus lábios, dirigia-lhes palavras tornadas incompreensíveis pela distância. Mas eles não desapareceram por completo; pareciam antes aguardar o momento em que pudessem voltar à janela sem ser vistos.

– Gente indiscreta e incómoda! – disse K. voltando-se para o interior da sala.

Talvez o inspector estivesse de acordo com ele, K. julgou notar isto quando lhe deitou um olhar discreto. Mas era muito possível também que não tivesse escutado, porque tinha uma das mãos apoiada firmemente na mesa e parecia comparar o comprimento dos dedos. Os dois guardas encontra-

vam-se sentados numa arca coberta por um bonito pano e esfregavam os joelhos. Os três jovens tinham as mãos nas ancas e passeavam os olhares à sua volta. A calma reinava, como num qualquer gabinete esquecido.

– Ora bem, meu senhores – exclamou K., e durante um momento teve a impressão de levar todos às costas –, a julgar pelo vosso ar, o meu caso parece arrumado. Sou de opinião que o melhor é não mais perguntar se os vossos procedimentos são justificados ou injustificados e concluir tudo isto trocando um aperto de mão, em sinal de reconciliação. Se forem também da minha opinião, então, façam favor... – e avançou para a mesa do inspector de mão estendida.

O inspector ergueu os olhos, mordeu os lábios e fitou a mão estendida; K. ainda julgou que o inspector a iria apertar. Mas levantou-se, pegou num chapéu de coco que estava pousado na cama da Menina Bürstner e com as duas mãos ajustou-o na cabeça, como se faz quando se experimenta um chapéu novo.

– Como tudo lhe parece simples! – disse ao mesmo tempo a K. – Deveríamos concluir tudo isto com uma reconciliação, foi o que disse? Não, não, está fora de causa. Não quero dizer que deva desesperar. Claro que não, porquê? Apenas se encontra sob prisão, nada mais. É o que eu tinha para lhe comunicar, fi-lo e verifiquei igualmente como acolheu a coisa. Isto por hoje chega e podemos despedir-nos, pelo menos para já. Quer, sem dúvida, ir agora para o banco?

– Para o banco? – perguntou K. – Julgava-me sob prisão.

K. fez a pergunta num certo tom de desafio, porque embora o seu aperto de mão tivesse sido recusado, sentia-se cada vez mais independente perante toda aquela gente, sobretudo depois de o inspector se ter levantado. Brincava com eles. Tencionava, no caso de partirem, correr para a porta da entrada e oferecer-se para se deixar prender. Por isso repetiu:

– Como posso eu ir ao banco, se me encontro detido?

– Ah! – disse o inspector que se achava já próximo da porta –, compreendeu-me mal; encontra-se sob prisão, claro,

mas isso não deve impedi-lo de exercer a sua profissão. Também não deve sentir-se incomodado nos seus hábitos.

– Sendo assim, não é muito mau estar preso – disse K., aproximando-se do inspector.

– Eu nunca afirmei outra coisa – disse este.

– Assim, nem sequer parece realmente necessário ter-me informado da minha detenção – disse K. aproximando-se mais.

Os outros também se tinham aproximado. Achavam-se agora todos reunidos num espaço exíguo, perto da porta.

– Era o meu dever – disse o inspector.

– Um dever idiota – replicou K. duramente.

– Talvez – respondeu o inspector –, mas não vamos perder o nosso tempo em conversas deste género. Supunha que desejasse ir ao banco. Uma vez que presta atenção a tudo quanto dizemos, acrescento que não o obrigo a ir ao banco, apenas tinha suposto que o desejasse. E para facilitar-lhe a tarefa e atrair o menos possível a atenção para a sua chegada ao banco, pus à sua disposição estes três cavalheiros, que são seus colegas.

– O quê? – exclamou K. encarando os três homens, espantado.

Aquelas personagens tão insignificantes, tão anémicas, tão jovens, de quem ele apenas se recordava em grupo, de pé próximo das fotografias, eram efectivamente empregados do seu banco, não eram colegas, a fórmula era excessiva e indicava uma falha na omnisciência do inspector, mas sim pequenos funcionários do banco. Como pudera isto escapar a K.? Como devia estar absorvido pelo inspector e pelos guardas, a ponto de não reconhecer aqueles três indivíduos! Rabensteiner, hirtó e balançando as mãos, Kullych, o louro dos olhos enterrados nas órbitas, e Kaminer, cujo sorriso insuportável era devido a uma contracção muscular crónica.

– Bom dia – disse K. após um pequeno instante, e estendeu a mão aos cavalheiros que se inclinaram delicadamente. – Não vos tinha reconhecido. Portanto, vamos agora para o escritório, é isso?

Os cavalheiros aquiesceram, rindo com ar solícito, como se, durante todo aquele tempo, não tivessem esperado outra coisa; mas no momento em que K. verificou que havia esquecido o chapéu, que tinha ficado no quarto, eles correram para ir buscá-lo, todos juntos e em fila, revelando apesar de tudo um certo embaraço. K. permaneceu imóvel e seguiu-os com o olhar através das duas portas abertas; o último era, claro, o indiferente Rabensteiner, que se contentava com um elegante trotezinho. Kaminer entregou o chapéu a K. e, como era, aliás, muitas vezes obrigado a fazê-lo no banco, K. teve de recordar-se expressamente de que o sorriso de Kaminer não era intencional e de que ele era mesmo incapaz de sorrir quando queria. No vestibulo, a Senhora Grubach, que não tinha o ar de sentir-se muito culpada, abriu a todos estes cavalheiros a porta da entrada e, como tantas vezes fazia, K. baixou os olhos para o cordão do seu avental, que cavava muito inutilmente uma linha no seu corpo maciço. No rés-do-chão, K. decidiu, de relógio na mão, utilizar um automóvel, a fim de não agravar inutilmente o seu atraso, que já ia em meia hora. Kaminer correu para a esquina da rua à procura do carro; os dois outros esforçavam-se manifestamente por distrair K., quando de súbito Kullych apontou com o dedo a porta da casa fronteira, onde surgira justamente o homem da pêra branca: ao princípio um pouco incomodado por aparecer agora em toda a sua altura, recuou para a parede e encostou-se-lhe. Os velhotes encontravam-se sem dúvida ainda na escada. K. ficou irritado por Kullych ter chamado a atenção para este homem, que ele mesmo já avistara, e que já contava até avistar.

– Não olhe para ali! – exclamou, sem reparar que era uma maneira singular de falar a homens e a adultos.

Mas não foi necessária nenhuma explicação, porque o automóvel já estava a chegar; sentaram-se e meteram-se a caminho. Então K. recordou-se de que não tinha dado pela partida do inspector e dos guardas; o inspector havia-lhe dissimulado os três funcionários, e estes o inspector. Isto não revelava presença de espírito, e K. resolveu vigiar-se cada

vez mais a tal respeito. Não obstante, voltou-se mais uma vez sem querer e inclinou-se para trás, por cima da capota do automóvel, a fim de tentar avistar o inspector e os guardas. Mas endireitou-se logo sem ter realmente tentado distinguir fosse o que fosse, e instalou-se confortavelmente num canto da viatura. Apesar das aparências, teria precisado de ser reconfortado naquele preciso momento, mas os cavalheiros pareciam cansados; Rabensteiner olhava para a direita, a cabeça debruçada para o exterior da viatura, Kullych, para a esquerda, e só restava Kamíner com o seu trejeito, de que, por uma questão de humanidade, era infelizmente proibido gracejar.

